



A Parábola das Dez Virgens

Este artigo é a tradução da transcrição de um estudo gravado em Tucson, Arizona, apresentado por Fred Wright em Outubro de 1965.

Título Original:
The Parable of the Ten Virgins

Índice

Profecias Dadas de Três Maneiras	2
A Profecia de Mateus 25.....	2
O Primeiro Cumprimento.....	4
O Segundo Cumprimento	9

Na altura em que esta mensagem foi dada, o movimento de Brinsmead estava num estado de confusão, com muitos a pedirem o regresso à Igreja Adventista do Sétimo-Dia. Fred, e os crentes que o apoiavam, estavam convencidos de que a separação da igreja adventista era essencial. Não poderia haver compromisso com aqueles que recusaram a mensagem do evangelho.

Esta profecia, de *Mateus 25*, foi um incentivo para eles, a fim de os manter fiéis durante este tempo de incerteza. Nos anos seguintes, a mensagem foi crescendo e expandindo-se muito, confirmando assim a posição tomada para permanecer separado, e estar vigilante e esperar que viesse mais luz.

Os adventistas do sétimo-dia têm sido um povo sempre muito forte no tema da profecia. Leia-amos algumas dessas Escrituras na Bíblia (e há muitas delas):

“Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva;
“Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite;
“Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.

“Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão;
“Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

“Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios.” *1 Tessalonicenses* 5:1-7.

“Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas. *Amós* 3:7.

“E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. *2 Pedro* 1:19.

A profecia não só nos mostra o que está por vir no futuro, mas mais certamente nos mostra onde estamos neste momento no desenrolar do grande plano que Deus tem na finalização da obra.

Uma das profecias mais importantes que nós devemos considerar neste momento é a profecia de *Mateus* 25.

Profecias Dadas de Três Maneiras

As profecias na Bíblia são-nos dadas de três maneiras distintas:

1. A mais familiar são as visões que contêm símbolos, como em *Daniel* e em *Apocalipse*.
2. Deus também deu as Suas Profecias falando directamente pelos profetas. Podemos ler em *Jeremias* e *Isaías* a palavra do Senhor sobre Tiro ou Sidom ou Israel ou Babilónia.
3. Em terceiro lugar, e menos comum, é o facto de que certas, não todas, mas algumas das parábolas são distintamente profecias. Cristo disse estas profecias na forma de parábolas e, por exemplo, temos a parábola de *Mateus* 21, a parábola de *Mateus* 22, a parábola de *Mateus* 25, e a parábola das bodas em *Lucas* 14.

Certamente a parábola do semeador não é uma profecia, mas sim uma ilustração da operação do evangelho, bem como a parábola da mulher que ao varrer a sala encontrou a moeda perdida.

A Profecia de Mateus 25

Mas, *Mateus* 25 é claramente uma profecia.

“Tem-me sido muitas vezes referida a parábola das dez virgens, cinco das quais eram prudentes, e cinco loucas. Esta parábola foi e será cumprida à letra, pois tem uma aplicação especial para este tempo, e, tal como a mensagem do terceiro anjo, tem sido e continuará a ser a verdade presente até ao fim do tempo.” *The Review and Herald*, 19 de Agosto de 1890.

Notai as suas palavras: “tem sido cumprida”, e a palavra cumprida significa que foi cumprida, não parcialmente cumprida, mas completa e totalmente cumprida; e “será”, significa futuro, depois de 1890. Ela também diz que tem uma aplicação presente.

Em *O Grande Conflito*, página 393 e seguintes, a própria Ellen White dá-nos uma aplicação passo a passo da exacta aplicação desse primeiro cumprimento. No estudo desta parábola, bastaria olhar para os detalhes reais da própria parábola, sem qualquer pensamento sobre a interpretação ou aplicação dos acontecimentos históricos, mas apenas para definir, ponto a ponto, o que é a parábola em si.

E tendo percebido o que a parábola ensina, recorreremos ao *Grande Conflito* e analisaremos o primeiro cumprimento (que Ellen White diz ser um cumprimento à letra) e compararemos o cumprimento com a própria parábola, e depois podemos começar a dedicar o nosso tempo a um

estudo do segundo e último cumprimento da parábola de *Mateus* 25. Olhemos esta parábola passo a passo.

“Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.

“E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

“As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

“Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.

“Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

“Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.

“E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

“Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.

“E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

“E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

“E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço.

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.” *Mateus* 25:1-13

Consideremos o primeiro versículo. Temos que compreender que é pressuposto que tenha havido um anúncio da vinda do noivo. O que está implícito, não explícito. Adiantemo-nos um pouco a nós mesmos e vejamos o que Ellen White tem a dizer sobre isto:

“A vinda de Cristo, como era anunciada pela mensagem do primeiro anjo, entendia-se ser representada pela vinda do esposo. A reforma espiritual que se generalizou sob a proclamação de Sua segunda vinda, correspondeu à saída das virgens.” *O Grande Conflito*, 393.

O anúncio, ou a mensagem, está implícita, porque em resposta ao anúncio, as cinco virgens prudentes e as cinco loucas saíram para se encontrarem com o noivo esperado. As sábias levaram consigo azeite extra, e as loucas não levaram azeite extra.

O versículo 5 diz:

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.”

O tempo em que elas esperavam que ele chegasse veio e passou, e ele não apareceu. Houve um atraso, e esse atraso trouxe um desapontamento.

Imaginem a cena: as virgens tinham saído com entusiasmo, o tipo de alegria festiva que assiste a um casamento para conhecer o noivo, e esperavam encontrá-lo num certo momento. O momento chega, e ele não aparece, por isso, naturalmente, há um desapontamento. Sentem-se terrivelmente desalentados.

Diz: “E, tardando o esposo.” Agora segue-se o desapontamento, um “tempo de espera”, e durante esse tempo todas elas, não apenas as prudentes, mas também as loucas tosquenejam e adormecem.

O versículo 6 diz:

“Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.”

Quantas virgens se levantaram no versículo 7? “todas aquelas virgens se levantaram.” Não algumas, mas “todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas”, e em seguida, as loucas começaram a notar que tinham pouco azeite. As lâmpadas representam a Palavra de Deus, e o azeite é o Espírito Santo que ilumina a Palavra de Deus.

Depois, houve o “Clamor da meia-noite” que como veremos se estende por um período de tempo.

Então as prudentes entram, a porta é fechada, e nessa altura, as prudentes e as loucas são separadas.

Em termos breves, temos os pontos cardeais da parábola.

O Primeiro Cumprimento

“A vinda de Cristo, como era anunciada pela mensagem do primeiro anjo, entendia-se ser representada pela vinda do esposo. A reforma espiritual que se generalizou sob a proclamação de Sua segunda vinda, correspondeu à saída das virgens.” *O Grande Conflito*, 393-394.

A “saída das virgens” das virgens representa a resposta à mensagem de William Miller pregada entre 1833 e Março de 1844, que terminou com o primeiro desapontamento. Ellen White aplica o primeiro desapontamento ao tempo de espera na parábola. Assim, a saída das virgens foi aquele período de 1833 a 1844, em resposta à mensagem do primeiro anjo, que foi uma chamada anunciando que a hora do julgamento de Deus chegara.

Essa mensagem trazia consigo um erro muito básico, que era a purificação do santuário como algo a acontecer nesta Terra. Não esqueçamos este ponto, porque Ellen White diz que foi cumprida à letra e que será cumprida com a mesma exactidão.

Outro ponto a notar é o seguinte:

Recordai-vos do estudo sobre as duas separações em que ficámos a saber que a primeira foi causada por uma mensagem e a segunda causada por um teste. Da mesma forma, temos duas classes que respondem à mensagem e vão encontrar-se com o noivo. Esta mensagem foi dada à igreja daquele tempo, que era profeticamente chamada a igreja de Sardes. Era composta por Baptistas, Metodistas, Presbiterianos, entre outras, das igrejas protestantes.

Saíram todas aquelas pessoas naquelas igrejas para conhecer o noivo?

Não. Havia três classes:

As prudentes e as loucas, as duas classes que saíram ao encontro do noivo, as restantes fica-



ram para trás. Elas eram hipócritas que professavam esperar a vinda de Cristo, mas quando chegou a mensagem a anunciar a Sua vinda, o que fizeram elas? Ficaram para trás.

Por isso, ocorreu aqui a primeira separação que foi o resultado de uma mensagem que separou as prudentes e as loucas dos outros, que eram hipócritas. Estão representadas três classes, embora uma seja por exclusão de partes.

“Nesta parábola, como na de Mateus 24, duas classes são representadas.” *O Grande Conflito*, 394.

Fala-se das virgens prudentes e das loucas, que são as referências principais na parábola. A terceira classe, as que não saíram para encontrar-se com o noivo não fazem mais parte da profecia.

“Todas haviam tomado suas lâmpadas, a Bíblia, e mediante sua luz saíram para encontrar o esposo. Mas, enquanto ‘as loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo’, ‘as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.’

“A última classe [as virgens prudentes] tinha recebido a graça de Deus, e o poder do Espírito Santo, que regenera e alumia, tornando a Palavra divina uma lâmpada para os pés e luz para o caminho.” *O Grande Conflito*, 394.

“A última classe tinha recebido a graça de Deus, e o poder do Espírito Santo, que regenera e alumia, tornando a Palavra divina uma lâmpada para os pés e luz para o caminho. No temor de

Deus estudaram as Escrituras, para aprenderem a verdade, e fervorosamente buscaram a pureza de coração e de vida.” *O Grande Conflito*, 394.

Estas “possuíam uma experiência pessoal, fé em Deus e em Sua Palavra, que não poderiam ser derrotadas pelo desapontamento e demora.”

É isto que as torna virgens prudentes. A principal força deste estudo é perceber o que constitui uma virgem prudente. Podeis perguntar a vós mesmos agora, se estais ou não nessa classe, porque vamos ver à medida que nos aproximamos do estudo do Clamor da Meia-Noite, a importância de ter essa experiência antes que ele apareça.

“Outras, [as virgens loucas] ‘tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.’ Haviam-se movido por um impulso de momento. Seus temores foram excitados pela mensagem solene, mas haviam dependido da fé que possuíam seus irmãos, estando satisfeitos com a luz vacilante das boas emoções, sem terem compreensão perfeita da verdade, nem experimentarem uma genuína operação da graça no coração. Tinham saído para encontrar-se com o Senhor, cheios de esperanças, com a perspectiva de imediata recompensa; mas não estavam preparados para a demora e desapontamento. Quando vieram as provações, faltou-lhes a fé, e sua luz se tornou bruxuleante.

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.’ Pela tardança do esposo é representada a passagem do tempo em que o Senhor era esperado, o desapontamento, e a aparente demora.” *O Grande Conflito*, 394.

Não houve de facto uma demora, mas apenas uma *aparente demora*, porque Deus tinha um propósito maravilhoso a cumprir neste tempo de demora. Veremos isso à medida que avançarmos.

Era esperado que Cristo viesse a qualquer momento entre Março de 1843 e Março de 1844. Quando, no final desse período, Ele não veio, os dirigentes não tinham mais luz para dar ou dizer quando Ele podia vir, tal como quando as virgens saíram na parábola e o noivo não veio quando o esperavam.

Não havia notícias, nem mensagem, nem indicação para lhes dizer onde ele estava ou quando poderia vir. Quando as 8 horas, 9 horas, 10 horas, e 11 horas passaram, pensaram que ele só viria de manhã, e todos adormeceram. À meia-noite, a hora mais inesperada, ele vem.

Assim, com o passar do tempo veio o primeiro desapontamento e em seguida, o tempo de espera.

Os homens através de quem Deus enviou a primeira mensagem do anjo foram William Miller, que era agricultor, e Joshua V. Himes, um editor. Juntamente com a mensagem que Deus lhes deu, também mantiveram o erro básico de que esta Terra era o santuário a ser purificado.

Quando chegou a mensagem do segundo anjo, ela trouxe uma activa agitação sobre a separação, e o homem que trabalhou principalmente neste campo foi Charles Fitch. Ele foi o homem em particular que comunicou este aspecto da mensagem. Ele ensinou coisas com as quais Miller não podia concordar. Mas este homem era um homem mais à frente de Miller, e Deus usou-o tão verdadeiramente como antes havia usado Miller.

O grande teste na época era se as pessoas ficariam com Miller ou continuariam com a luz adicional que Charles Fitch tinha dado na mensagem do segundo anjo.

“Neste tempo de incerteza, o interesse dos que eram superficiais e não de todo sinceros começou logo a vacilar, arrefecendo seus esforços; mas aqueles cuja fé se baseava no conhecimento pessoal da Escritura Sagrada, tinham sob os pés uma rocha que as ondas do desapontamento não poderiam derruir.

“‘Tosquenejaram todas, e adormeceram’, uma classe na indiferença e abandono de sua fé, outra esperando pacientemente até que mais clara luz fosse proporcionada. Todavia, na noite de prova, a última pareceu perder, até certo ponto, o zelo e devoção. Os que eram medianamente

dedicados e superficiais não mais puderam apoiar-se à fé dos seus irmãos. Cada qual tinha de, por si mesmo, ficar em pé ou cair.” *O Grande Conflito*, 394-395.

Descobrimos que o tempo de espera foi um período de incerteza. Aqui estão estas pobres virgens a dizer:

“Onde está o noivo, e quando é que ele vem?”

No cumprimento real, é pior do que isso, porque algumas pessoas começaram a pensar:

“Qual é a verdade?”

“Quem tem a mensagem?”

“Em que acreditamos, isto ou outra coisa?”

O parágrafo seguinte diz:

“Por este tempo começou a aparecer o fanatismo.” *O Grande Conflito*, 395.

O povo em 1844 sabia que estavam no tempo de espera.

“Os desapontados viram pelas Escrituras que estavam no tempo de espera, e que precisavam pacientemente aguardar o cumprimento da visão.” *Primeiros Escritos*, 247.

Podiam vê-lo, exactamente como nós hoje podemos ver que estamos outra vez no mesmo período de tempo — o tempo de espera. Podemos ver isso tão claramente quanto pode ser visto.

“A mesma evidência que os levava a aguardar o seu Senhor em 1843, levava-os a esperá-Lo em 1844. Entretanto, vi que a maioria não possuía aquela energia que assinalou a sua fé em 1843.” *Primeiros Escritos*, 247.

Por outras palavras, houve energia e entusiasmo durante o movimento de 1843 que tinha sido perdido durante o tempo de espera.

“Semelhante à vaga da maré, o movimento alastrou-se pelo país. Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e para os lugares distantes, no interior, até que o expectante povo de Deus ficou completamente desperto. Desapareceu o fanatismo ante essa proclamação, como a geada matutina perante o Sol a erguer-se. Viram os crentes suas dúvidas e perplexidades removidas.” *O Grande Conflito*, 400.

Deste modo, o tempo de espera também tinha sido um período de incerteza, de fanatismo, de dúvida e de perplexidade. Foi um período de espera, e não faziam ideia de quão longo ou curto poderia ser esse tempo. Podiam ser anos ou mesmo meses. Acabou por ser apenas meses.

Voltemos atrás e leiamos sobre este fanatismo:

“Por este tempo começou a aparecer o fanatismo. Alguns, que haviam professado ser zelosos crentes na mensagem, rejeitaram a Palavra de Deus como o único guia infalível, e, pretendendo ser guiados pelo Espírito, entregaram-se ao governo de seus próprios sentimentos, impressões e imaginação.

“Alguns houve que manifestaram um zelo cego e fanático, condenando a todos os que não lhes sancionassem o proceder. Suas idéias e atos fanáticos não encontraram simpatia da grande corporação dos adventistas; serviram, no entanto, para acarretar o opróbrio à causa da verdade.

“Satanás, por esse meio, estava procurando opor-se à obra de Deus e destruí-la. O povo tinha sido grandemente abalado pela obra do advento; haviam-se convertido milhares de pecadores, e homens fiéis dedicavam-se à tarefa de proclamar a verdade, mesmo no tempo de tardança.” *O Grande Conflito*, 395.

Notai que o Senhor tem “homens fiéis dedicavam-se à tarefa de proclamar a verdade”, quando? “mesmo no tempo de tardança”, enquanto todas as virgens tosquenejavam e dormiam.

O fanatismo tem características específicas:

“Em todo avivamento está ele [Satanás] pronto para introduzir os de coração não santificado e desequilibrados de espírito. Quando estes aceitam alguns pontos da verdade e adquirem um lugar entre os crentes, opera por meio deles a fim de introduzir teorias que enganarão os incautos.” *O Grande Conflito*, 396.

Saltemos agora algumas páginas, onde novamente o versículo da Bíblia é citado, e depois o comentário histórico:

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram. Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro. Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.’

“No verão de 1844, período de tempo intermediário entre a época em que, a princípio, se supusera deveriam terminar os 2.300 dias, e o outono do mesmo ano, até onde, segundo mais tarde se descobriu, deveriam eles chegar, a mensagem foi proclamada nos próprios termos das Escrituras: ‘Aí vem o Esposo!’” *O Grande Conflito*, 398.

Isto aconteceu no Verão de 1844, no tempo intermédio quando Cristo era esperado pela primeira vez, que era Março de 1844, e o tempo em que Ele finalmente foi de facto para o santuário em 22 de Outubro de 1844. Ellen White diz que o clamor da meia-noite começou a meio do período intermédio.

Isto pode ser confirmado no livro, *O Clamor da Meia-Noite*, de F. D. Nichol, a partir da página 226, e *A Fé Profética dos Nossos Pais*, Volume 4, por L.E. Froom.

Nesta conferência de Exeter, que teve lugar em New Hampshire, os adventistas reuniram-se, muito esperançosos de que haveria luz específica nesta reunião para revelar onde estavam no desenrolar do tempo. Esta reunião começou em 12 de Agosto de 1844, e devia durar 5 dias.

“Os serviços nesta reunião de Exeter estavam a arrastar-se visivelmente. Joseph Bates estava no púlpito do orador, procurando despertar os corações dos ouvintes e iluminar as suas mentes. Mas ele estava a fazer poucos progressos.” F. D. Nichol, *O Clamor da Meia-Noite*, 227.

O que Bates estava a tentar fazer era rever as provas que os trouxera até ali, repetindo-as e encorajando as pessoas a manterem-se firmes porque o noivo viria em breve. Enquanto ele estava a trabalhar nisto, a grande maioria das pessoas naquela tenda bastante quente, pois naquela altura era Verão, estavam a inclinar a cabeça sonolenta. O seu sono literal era apenas um reflexo do facto de estarem todos a tosquenejar e adormecidos, no sentido espiritual, como virgens prudentes e loucas.

Enquanto isto acontecia, um homem chamado Samuel S. Snow subia a cavalo até àquela grande tenda, amarrou o cavalo, entrou e sentou-se ao lado da irmã, a Sra. John Couch, dentro desta tenda. Durante seis meses este homem tinha tentado transmitir aos outros crentes que o verdadeiro fim dos 2.300 dias era 22 de Outubro de 1844, e nunca em Março. Mas ele não tinha sido capaz de obter qualquer tipo de audiência entre o povo.

Nesse dia, sentou-se ao lado da irmã, a Sra. John Couch, enquanto Joseph Bates tentava animar e despertar as pessoas, e numa folha de papel esboçou a sua convicção de que o dia verdadeiro era 22 de Outubro. O que a irmã viu emocionou-a realmente.

“Nada nesta velha Terra é mais poderoso do que uma verdade profética cujo tempo chegou.” L. E. Froom, *Fé Profética dos Nossos Pais*, vol. 3, 741.

Chegara o momento para a vinda dessa verdade, e o poderoso poder do Espírito de Deus enviou uma tremenda convicção ao coração daquela mulher. Saltando sobre os seus pés, disse:

“É tarde demais para passarmos o nosso tempo com estas verdades, com as quais estamos familiarizados, e que foram uma bênção no passado, e serviram o seu propósito e o seu tempo.” F. D. Nichol, *O Clamor da Meia-Noite*, p. 227.

O pregador sentou-se. Todos os olhos se fixaram nesta mulher enquanto ela continuava: “É tarde demais, irmãos, para passarmos um tempo precioso como o que temos passado desde que esta reunião começou. O tempo é curto. O Senhor tem servos aqui que encontraram o tempo devido para o Seu povo. Deixai-os falar, e deixem as pessoas ouvi-los. ‘Eis que vem o Noivo, ide ao Seu encontro.’

Podeis imaginar quão repentino foi o anúncio. Em um momento, todos os presentes na reunião campal pareciam adormecidos nos seus lugares sem sinal de que a verdadeira mensagem estava prestes a soar. No segundo seguinte, despertaram.

Joseph Bates, de acordo com o relato de Froom, disse ao homem para ir para a frente, enquanto se sentava. Snow caminhou para a frente, dirigiu-se ao quadro, e calmamente começou a desenhar as suas convicções relativamente ao fim dos 2.300 dias.

Todos os presentes na reunião naquele dia ficaram absolutamente convencidos dessa verdade. Saíram daquela reunião campal para leste, oeste, norte e sul com a mensagem:

“Eis que vem o Noivo, ide ao Seu encontro.”

Ellen White diz que a mensagem foi levada para todos os postos da missão no mundo num curto espaço de pouco menos de três meses.

“Na parábola de Mateus 25, o tempo de espera e sono é seguido pela vinda do Esposo. Isto concordava com os argumentos que acabam de ser apresentados, tanto da profecia como dos símbolos. Produziram profunda convicção quanto à sua veracidade; e o ‘clamor da meia-noite’ foi proclamado por milhares de crentes.

“Semelhante à vaga da maré, o movimento alastrou-se pelo país. Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e para os lugares distantes, no interior, até que o expectante povo de Deus ficou completamente desperto. Desapareceu o fanatismo ante essa proclamação, como a geada matutina perante o Sol a erguer-se. Viram os crentes suas dúvidas e perplexidades removidas, e a esperança e coragem animaram-lhes o coração. A obra estava livre dos exageros que sempre se manifestam quando há arrebatamento humano sem a influência moderadora da Palavra e do Espírito de Deus. Assemelhava-se, no caráter, aos períodos de humilhação e regresso ao Senhor que, entre o antigo Israel, se seguiam a mensagens de advertência por parte de Seus servos.

“Teve as características que distinguem a obra de Deus em todas as épocas. Houve pouca alegria arrebatadora, porém mais profundo exame de coração, confissão de pecados e abandono do mundo. O preparo para encontrar o Senhor era a grave preocupação do espírito em agonia. Havia perseverante oração e consagração a Deus, sem reservas.” *O Grande Conflito*, 400.

Notai que temos aqui uma poderosa manifestação do derramamento do Espírito de Deus, — o maior desde o Pentecostes, que deu àquelas pessoas o poder para pregar a mensagem, mas ao mesmo tempo, foram levados a uma profunda experiência de exame do coração e afastamento do pecado.

Este anúncio veio desde Agosto, algures por volta do dia quinze, (sabemos que a conferência começou no dia doze), até Outubro, o que durou cerca de dois meses e meio, para o avanço da mensagem do Clamor da Meia-noite.

“No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas.” *O Grande Conflito*, 376.

No final desse período está o encerramento da porta. Este é o momento em que as virgens loucas são separadas das prudentes pelo grande teste daquele fantástico desapontamento que veio sobre eles naquela altura. Todas as evidências da vista e das circunstâncias testemunhavam que tinham sido induzidos em erro no estudo da Palavra de Deus. Naquele momento parecia que a igreja estava prestes a cair. Foi uma terrível sacudidura.

Na manhã seguinte, 23 de Outubro de 1844, teria sido difícil encontrar cinquenta ou cem que ficassem. Contudo, até essa altura, cinquenta mil pessoas tinham sofrido uma tremenda perseguição e ridículo.

Ellen White diz que a parábola foi cumprida à letra. Tudo o que temos feito é estudar o que a Bíblia diz e o que o Espírito da Profecia diz. Agora quero fazer-vos a pergunta simples, como podíeis ter um cumprimento mais exacto? Não é este tão preciso? Todos os pormenores da profecia preditos foram exactamente cumpridos à letra no cumprimento real. Não tentámos adivinhar nada.

O Segundo Cumprimento

Reparem, ela diz que foi cumprida à letra e que *será* cumprida da mesma forma à letra. Portanto, esta história tem de ser repetida com a mesma exactidão.

Temos visto com os nossos olhos que foi novamente cumprida. Acredito que estamos a viver na parte “*será*” do segundo cumprimento, e até ao presente momento, na medida em que viemos aqui no tempo de espera, o clamor da meia-noite ainda está no futuro. Foi cumprido à letra com notável exactidão.

Façamos agora uma descrição do presente cumprimento desta parábola.

Em primeiro lugar, podemos identificar na profecia quando *será* o início do segundo cumprimento?

Até agora, no que diz respeito ao primeiro cumprimento, chegou numa altura em que a Reforma começou. Naquela Reforma, o povo de Deus dessa época, obteve para si um nome, e esse nome foi o nome de Deus. Eles eram uma verdadeira igreja cristã.

Vejam os registos em *Apocalipse*, capítulo 3, acerca da igreja de Sardes.

“E ao anjo da igreja que está em Sardes escreve: Isto diz o que tem os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto.” *Apocalipse* 3:1.

A igreja de Sardes tinha um nome vivo, ela tinha o poderoso nome das igrejas da Reforma. Mas estavam mortos, porque tinham deixado o seu primeiro amor.

“Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.” *Apocalipse* 3:3

Há algo de notável no chamamento de Deus ao Seu povo. Sabeis que, uma e outra vez, Deus dá a um povo a quem Ele já chamara, um primeiro chamamento. E se recusarem, faz-lhes um segundo chamamento, e é o último para essas pessoas.

Deixai-me ilustrar isto algumas vezes. Em primeiro lugar, tomemos a parábola do Bom Samaritano.

Havia um homem caído à beira do caminho. Em primeiro lugar, Deus deu ao Seu povo escolhido, na pessoa de um sacerdote de Israel, a oportunidade de ajudar aquele homem. Israel, naquele sacerdote, recusou. Depois deu-o a um levita, e aquele homem também recusou. A quem, então, Deus foi? A um samaritano. Houve duas chamadas para Israel, depois uma fora de Israel.

Consideremos também a parábola de *Mateus* 22. Ela diz claramente que o rei faz um casamento para o filho, e o povo é convidado para esse casamento. Então os seus servos são enviados para chamar os convidados, e eles não vieram. Mais uma vez, ele envia outros servos, e mais uma vez eles não vieram. Então o rei disse para os ignorar e irem pelos caminhos e valados.

Ellen White diz em *Parábolas de Jesus*, 308, {PJ 164}, que isso foi dirigido à nação judaica. O primeiro convite foi enviado antes da cruz pelos doze e depois pelos setenta. O segundo convite foi o Pentecostes, e quando os judeus desprezaram o segundo chamamento, selaram a sua rejeição da misericórdia de Deus.

As igrejas protestantes nasceram na poderosa mensagem, em primeiro lugar, de Wycliffe em 1300, Huss e Jerome em 1400, e Martinho Lutero em 1512. Elas começaram bem, depois começaram a cair, tal como os judeus começaram bem, e depois caíram.

Na década de 1700, Deus enviou-lhes um primeiro convite para regressar, na poderosa reforma dos Wesleys. Por algum tempo foi detida a maré do mal. Mas depois de algum tempo as igrejas da Reforma continuaram em um curso descendente.

Em seguida Deus enviou às igrejas da Reforma um segundo chamamento no movimento Millerita. Quando recusaram a mensagem, o que disse Deus daquele povo?

“Caiu, caiu a grande Babilónia... Sai dela, povo meu.” *Apocalipse* 18:2; 4.

As Escrituras confirmam isso repetidamente. Deus faz dois convites para regressar àqueles a quem Ele já chamou de Seu povo. Quando recusam o segundo, então esse é o último dia de oportunidade para aquele povo.

Em 1844, Deus chamou o povo do advento para ser o Seu povo peculiar. Eles falharam em entrar no reino, e começaram a cair. Em 1883, o Senhor disse através de Ellen White que se o povo de Deus tivesse sido fiel, então anos antes já estariam no reino.

Em 1888, Deus enviou através dos pastores Waggoner e Jones, um primeiro convite ao povo do advento para vir às bodas. Sabemos o que aconteceu. Eles não vieram.

A parábola de *Mateus 25* não podia começar em 1888 porque ainda havia mais um convite para este povo, e esse convite devia ser a repetição da mensagem de 1888. A partir do ano de 1950 e anos posteriores, com Wieland e Short, e o trabalho dos Brinsmeads, a mensagem veio.

“A hora do julgamento de Deus está a chegar, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus.”

Eu coloco este ponto, 1955, como correspondente ao ano de 1833. Há alguns paralelos incríveis entre as duas situações:

1. A contribuição de Miller no seu tempo foi que a mensagem da hora do julgamento de Deus chegara. A mensagem de Brinsmead também foi que a hora do julgamento de Deus chegou;
2. Miller foi associado de um editor, J. V. Himes; Brinsmead foi associado de um editor, Al Hudson;
3. Miller era agricultor, assim como Brinsmead.
4. O erro básico de Miller foi acreditar que a purificação do santuário era algo que devia ter lugar nesta Terra, também esse foi o erro de Brinsmead. Ele ensina que a purificação do santuário é a purificação do templo da alma que está sobre esta Terra, quando não está. É a purificação do santuário celestial, tal como seria descoberto em 1844 pelos verdadeiros crentes.
5. Os piores inimigos de Miller e os seus melhores amigos não conseguiram detectar o erro. E durante muito tempo os melhores amigos de Bob Brinsmead e os seus piores inimigos também não foram capazes de detectar o erro nos seus ensinamentos.
6. Durante este primeiro período [1833-1844] houve uma unidade maravilhosa nessa mensagem. Ela cresceu com entusiasmo e poder, sem o fanatismo levantar a sua cabeça feia. Foi apenas um movimento unido a avançar. Da mesma forma, entre 1955 e 1962, houve uma notável unidade entre os vários grupos de pessoas que transportavam a bandeira da reforma naquela época. Havia apenas uma ou duas vozes estranhas de discórdia, mas nada de consequência real.

Estavam de facto a formar-se três classes. Havia as prudentes e as loucas, que iam encontrar-se com o noivo, e depois houve o balanço na igreja de quem não respondia à mensagem, mas lutava vigorosamente contra ela.

Durante esses anos, as virgens prudentes eram aqueles que ganharam por si mesmos uma experiência viva. As virgens loucas eram aqueles que foram movidos por impulso, mas acreditaram na mensagem, apoiaram a mensagem, e ensinaram a mensagem. Ellen White diz que as virgens loucas “... Têm consideração pela verdade, advogaram-na, são atraídos aos que crêem na verdade...” *Parábolas de Jesus*, 411. {PJ 223}

Em 1962, houve uma reversão súbita por parte da maioria dos que tinham avançado no que diz respeito a esta mensagem. A partir de 1962, tem havido uma atmosfera muito diferente no movimento geral de reforma do que antes.

Antes disso, havia unidade, havia impulso, havia entusiasmo, e as coisas estavam a ir ao lugar. Mas a partir daí, o que estamos a ver? Uma espécie de falta de acção, um adormecimento, em suma, “um tempo de espera”.

Estamos nele hoje. Tem sido um tempo de incerteza. Há perguntas por todo o lado, um tempo de dúvida; e às vezes perguntamos-nos se afinal estivemos enganados — perplexidade e fanatismo estão por todo o lado novamente. Os fanáticos estão de facto a aparecer em todo o lado neste momento.

Voltemos a ler sobre o fanatismo:

“Alguns, que haviam professado ser zelosos crentes na mensagem, rejeitaram a Palavra de Deus como o único guia infalível, e, pretendendo ser guiados pelo Espírito, entregaram-se ao governo de seus próprios sentimentos, impressões e imaginação” *O Grande Conflito*, 395.

Uma e outra vez, mesmo aqui na América, tive conflitos com fanáticos sobre ideias não escritas nas Escrituras, definição de tempo, entre outras. Dizem que não podem desistir porque Deus lhes revelou pessoalmente. Dependem de impressões, em vez de uma clara declaração da Palavra de Deus.

Li a estes homens o seguinte testemunho:

“Tenho sido repetidamente advertida com referência a marcar tempo.” {ME1 188}, *The SDA Bible Commentary*, 6:1052.

Dizem que isto foi o que Ellen White disse, mas Deus revelou-lhes estas coisas a eles, e a sua luz está para além da que Ellen White tinha. Por isso, estão a rejeitar a Palavra de Deus a favor das suas próprias ideias. Estas coisas estão a espalhar-se no mundo presentemente.

Quando chegar o clamor da meia-noite, teremos azeite nas nossas lâmpadas ou não. É evidente que, durante o período do clamor da meia-noite, vamos crescer muito consideravelmente na nossa experiência. Mas o clamor da meia-noite não dá experiência, só desenvolverá até à maturidade uma experiência já adquirida.

Temos de entrar no clamor da meia-noite com o azeite nas nossas lâmpadas. Se tivermos o azeite nas lâmpadas, o clamor da meia-noite fará por nós um grande e tremendo trabalho. Ele terminará o trabalho da graça de Deus nas nossas almas, porque o clamor da meia-noite é o alto clamor do nosso tempo.

Isto também é simbolizado pelo despertar as lâmpadas. O alto clamor — ou chuva serôdia — traz à conclusão o trabalho da graça de Deus na alma. A menos que a chuva temporã tenha feito o seu trabalho, esta chuva serôdia não pode trazer a semente à perfeição (ver *Testemunhos aos Ministros*, 506).

“A última classe [as virgens prudentes] tinha recebido a graça de Deus, e o poder do Espírito Santo, que regenera e alumia, tornando a Palavra divina uma lâmpada para os pés e luz para o caminho. No temor de Deus estudaram as Escrituras, para aprenderem a verdade, e fervorosamente buscaram a pureza de coração e de vida. Possuíam uma experiência pessoal, fé em Deus e em Sua Palavra, que não poderiam ser derrotadas pelo desapontamento e demora.” *O Grande Conflito*, 394.

As virgens prudentes “receberam a graça de Deus”. Do nosso estudo sobre o santuário vimos que o único lugar e a única maneira de recebermos a graça de Deus é confessar o que fizemos e o que somos, para que Deus possa tirar essa coisa de nós e deixar um vácuo no qual Ele coloca as graças do Espírito Santo.

Para aqueles que têm essa experiência, este não é um tempo de incerteza, dúvida ou perplexidade, porque sabem que estão exactamente onde Deus quer que eles estejam, e que este é todo o propósito do tempo de espera.

Durante a saída das virgens na primeira proclamação da mensagem, há coisas em movimento. Há agitação e entusiasmo por causa da mensagem que está a avançar e por causa dos conflitos com os apóstatas que não acreditam na mensagem. Há emoções e vitórias que acontecem; e o movimento avança, e todos são apanhados pelo entusiasmo.

Neste estado, não somos capazes de discernir a natureza real da nossa experiência. Mas quando o tempo de espera vem e todo o entusiasmo desaparece e fomos forçados a confiar apenas na Palavra de Deus, muito rapidamente seremos capazes de discernir se temos a certeza que os nossos pés estão fixados numa rocha, ou temos a incerteza de não sabermos exactamente em que estamos firmados.

O tempo de espera é-nos dado misericordiosamente. Sentimos que podíamos prescindir dele, mas precisamos dele para nos mostrar o que somos, para que possamos apressar-nos para o santuário, afastar a experiência do mal — o coração mau — e ter uma experiência viva. Depois, quando o clamor da meia-noite chegar, teremos o azeite nas nossas lâmpadas e saímos dando a mensagem em poder. Seremos finalmente encontrados no lado certo quando a segunda separação ocorrer, desta vez por aquele grande teste final — o decreto de morte, quando as prudentes e as loucas são para sempre separadas umas das outras.

Não é maravilhoso como o Senhor nos deu uma palavra de profecia muito segura? Tomámos apenas a parábola e a interpretação de Ellen White sobre ela, e vimos como os acontecimentos actuais se encaixam no segundo e último cumprimento.

Acredito que quando o clamor da meia-noite chegar, será tão inesperado como o primeiro, porque a parábola deve ser cumprida exactamente — à letra. Não vos deixeis apanhar de surpresa, sem a experiência viva.

Mateus 25 — A Parábola das Dez Virgens					
A Parábola	A Saída das Virgens	O Noivo é Esperado	Um Tempo de Espera: Tosquenejar e Adornecer	O Clamor da Meia-Noite	O Fecho da Porta
O Primeiro Cumprimento	1833-1844 A Mensagem do Primeiro Anjo	Primavera de 1844 As Igrejas Caídas Rejeitam a Mensagem. Cristo não Vem.	Verão de 1844 Incerteza; Espera; Fanatismo. Mensagem do Segundo Anjo: Separação das Igrejas Caídas.	Agosto de 1844 Samuel Snow Apresenta o Verdadeiro "Clamor da Meia-Noite"	Outubro de 1844 Segundo Desapontamento A Porta é Fechada para os que Perdem a Fé
O Segundo Cumprimento	1955-1962 Mensagem de Despertamento	1962 A Igreja Adventista do Sétimo-Dia Rejeita Completamente a Mensagem. A Esperada Reforma não Acontece.	Depois de 1962 Incerteza; Espera; Fanatismo. Mensagem do Segundo Anjo: Separação da Igreja Adventista do Sétimo-Dia	(Futuro) Alto Clamor	(Futuro) Decreto de Morte Fim do Tempo de Provação da Humanidade
<i>"A Parábola das dez Virgens tem sido e será cumprida à letra." R&H, 19 de Agosto de 1890</i>					

Podemos debater hoje muitas perguntas sobre a separação da igreja e questões sobre a ordem dos acontecimentos dos últimos dias relativamente à chuva serôdia, mas lembrai-vos que todo o nosso debate será infrutífero a menos que ganhemos aquele requisito supremo, o azeite da graça de Deus, que é o Seu carácter — a Sua justiça — nas nossas lâmpadas como uma experiência pessoal.

Deixemos as personalidades de parte. Bob fez a sua parte. Aqueles que ficaram com Miller e se recusaram a seguir a mensagem do segundo anjo, perderam a sua vida eterna. Deus não dá

todo o trabalho a um homem. Quando Miller fez a sua parte, Deus deu a Fitch a etapa seguinte, e quando Fitch tinha feito a sua parte, deu a Snow o passo seguinte. Depois seguiu-se Hiram Edson e Crosier, em seguida Loughborough e Bates.

Por isso, hoje temos de manter o passo com o avanço da luz. Essa luz vai agora além do que Miller ensinou, e Deus mostrou-nos o erro básico hoje em relação à interpretação errada do santuário, portanto, temos que avançar com a luz à medida que avançamos passo a passo.

Tradução de:
J. Fernandes

PORTUGAL
2022